



CONTANDO HISTÓRIAS INFANTIS AFRO-CENTRADAS PARA COMBATER ESTEREÓTIPOS GEOGRÁFICOS

João Pedro Silva Barbosa¹
Ricardo Gabriel Luisi²
Larissa Corrêa Firmino³

A escritora e professora estadunidense bell hooks (2020) em seu livro Ensinando Pensamento crítico: sabedoria prática, nos elucida sobre a forma que muitas vezes somos atravessados por uma mentalidade colonizadora. Esta mentalidade, segundo a autora “molda consciências e ações” (p.57) e parte de várias áreas de nossas vidas. A escola é uma dessas áreas responsáveis por formar nossas visões de mundo, e também é permeada pela mentalidade da qual a autora nos fala. Por outro lado, é neste espaço que bell hooks enxerga uma possibilidade de transformação, uma vez que nós educadores “somos especialmente afortunados, porque, individualmente, podemos atuar contra o reforço da cultura do dominador e dos preconceitos com pouca ou nenhuma resistência” (2020, p.57).

É à luz de hooks que vamos contar a história deste relato de experiência. Afinal, as histórias fazem parte da nossa vida. Não é diferente na Escola e não é diferente com nossos estudantes. A história que contaremos aqui aconteceu através do Programa de Residência Pedagógica - Subprojeto Geografia (POA) no Colégio Estadual Paula Soares, um prédio secular e imponente vizinho do Palácio Piratini no Centro Histórico de Porto Alegre. O privilégio que encontramos na localização da escola não encontramos em sua estrutura física, tendo em vista que desde 2016 os estudantes reivindicam reformas a fim de tornar a escola mais segura para as aulas e demais atividades. Essa característica do corpo discente segue presente, os jovens estudantes da manhã e da tarde se mostram ativos e atentos à realidade, são sensíveis às questões sociais e políticas que envolvem os contextos escolares e de suas vidas pessoais.

A sensibilidade e protagonismo desses jovens se mostrou fundamental para a construção de propostas didáticas participativas. Educação é troca, é diálogo, e foi através

¹ Graduando do Curso de Geografia da Universidade Federal do Rio Grande do Sul - UFRGS, e Residente do Subprojeto Geografia do Programa Residência Pedagógica da UFRGS, joao.pedrosb@hotmail.com;

² Graduando pelo Curso de Geografia da Universidade Federal do Rio Grande do Sul - UFRGS, e Residente do Subprojeto Geografia do Programa Residência Pedagógica da UFRGS, ricardo.07.luisi@gmail.com;

³ Professora Adjunta na Faculdade de Educação da Universidade Federal do Rio Grande do Sul - UFRGS, e Docente Orientadora do Subprojeto Geografia do Programa Residência Pedagógica da UFRGS, larissa.firmino@ufrgs.br.



dessa confluência que a professora preceptora no projeto identificou uma série de expressões de alguns jovens sobre o continente africano e outros contextos relacionados ao Brasil. Essa observação provocou uma movimentação no sentido de elaborar um evento que mobilizasse os estudantes a pensar sobre estes estereótipos a fim de superá-los. Uma série de atividades foi planejada e construída com os estudantes ao longo do primeiro e segundo trimestres letivos do ano de 2023. Este relato aborda sobre uma destas atividades, uma oficina de contação de histórias infantis afro-centradas na qual os estudantes do terceiro ano do Ensino Médio seriam os contadores para o público formado pelos alunos e alunas da educação infantil do Colégio Estadual Paula Soares.

O planejamento deste projeto começa como um convite para os estudantes das três turmas do terceiro ano do ensino médio do Colégio Paula Soares contarem histórias infantis afro-centradas aos pequenos estudantes da educação infantil. Solicitamos para os estudantes do terceiro ano do ensino médio que pesquisassem uma história infantil afro-centrada e entregassem uma atividade com os seguintes parâmetros: nome da obra; faixa etária; resumo da história; glossário; o que você aprendeu com esta obra? A partir das entregas começamos a organizar quem contaria e quais histórias. Nós, residentes, nos colocamos à disposição para adquirir as obras físicas para que os estudantes pudessem manuseá-las e de certa forma se encantarem com os livros para ficarem mais motivados com a ideia de contar aquelas histórias para as crianças.

Com a maior quantidade de livros que foi possível conseguir em bibliotecas públicas ou compradas em livrarias próximas da escola organizamos a segunda etapa da oficina: o ensaio. Nesta etapa os estudantes tiveram a dura missão de contar as histórias infantis para seus colegas. Entre risos e muita vergonha por parte da turma conseguimos fazer com que os jovens se sentissem mais confiantes para realizar a oficina com as crianças. Neste mesmo dia do ensaio ainda planejamos algumas brincadeiras a fim de tornar a oficina mais dinâmica e divertida para o público mais novo. Os próprios estudantes pesquisaram e apresentaram aos colegas sugestões de brincadeiras a serem feitas com as crianças no dia da contação de histórias. Com tudo organizado conseguimos marcar uma data com a escola para que os responsáveis pelas crianças pudessem trazê-las até a escola no contraturno.

Tudo foi organizado em pleno inverno gaúcho. No dia que ficou marcada a oficina de contação estava bem frio e não conseguimos contar com muitas crianças participando da atividade. Tivemos que reorganizar o nosso planejamento para que cada turma do terceiro ano do ensino médio conseguisse contar suas histórias sem que isso exigisse demais do nosso pequeno público. Então a realização da oficina aconteceu da seguinte forma. A primeira turma

do terceiro ano do Ensino Médio contou as histórias: O Mundo no Black Power de Tayó de Kiusam de Oliveira e Menino Mestre e Rei Zumbi de Mestre Klaity. Além das histórias, os estudantes fizeram a brincadeira “Terra e Mar” que consiste em pular de um lado ao outro de uma linha traçada no chão toda vez que uma música citava animais que vivem na terra ou no mar. A segunda turma do terceiro ano do ensino médio contou as histórias Meu Crespo é de Rainha de bell hooks, Amoras de Emicida e O Cabelo de Lelê de Valéria Belém. Este grupo realizou com as crianças uma brincadeira chamada Da Ga (jibóia em iorubá) que consiste em traçar um retângulo no chão que representa o ninho da jibóia, convidar uma criança para ficar dentro das linhas delimitadas enquanto às demais circundam o “ninho” evitando serem capturadas pela “jibóia”. A terceira turma contou as histórias Meninas Negras de Madu Costa e Tecelagem de Goya Lopes. A brincadeira foi um improviso de uma das estudantes que propôs às crianças que dançassem ao som da música “Ithini” de Sam Tshabalala repetindo seus passos, quando a música parasse eles deveriam “congelar”, quem se mexesse deveria sair da pista de dança improvisada.

Essa proposta de atividade foi construída coletivamente com as turmas tanto na etapa de planejamento quanto no dia de sua realização. O interesse das crianças que participaram da atividade através das gargalhadas e profundo interesse diante das histórias e brincadeiras. O engajamento causado pela atividade tanto para os pequenos quanto para os jovens do ensino médio foi, sobretudo, de um momento divertido e alegre para todos que participaram daquela oficina. António de Nóvoa nos diz que a educação só pode acontecer onde há o encontro das diferenças (Nóvoa, 2022, p.41). Através desta atividade conseguimos mobilizar os estudantes do ensino médio com os estudantes da educação infantil. Durante as etapas de planejamento perguntamos aos jovens do Ensino Médio quantas histórias infantis afro-centradas foram contadas a eles quando eram pequenos. Nas três turmas a resposta foi negativa. Assim, a atividade proposta se mostra potente na construção de outros imaginários que não sejam estereotipados sobre o que conhecemos de África e também dos aspectos que se relacionam à própria história do Brasil marcada pela colonização europeia.

A construção destes outros imaginários conversa diretamente com o que hooks nos ensina sobre a potencialidade da escola em transformar o nosso olhar sobre as relações simbólicas de dominação cultural (hooks, 2020, p.57). Durante o planejamento um episódio bem marcante demonstrou isso que a autora afirma. Uma das estudantes, ao se deparar com a obra “Meu Crespo é de Rainha”, também escrito por hooks, afirmou que gostaria de contar essa história porque ela mesma foi fortemente marcada pelo preconceito na infância e sempre teve dificuldade para aceitar e achar bonito o próprio cabelo crespo. O que a jovem viveu na

infância pôde ser ressignificado na sua adolescência com crianças que, agora, poderão crescer com outras referências.

Podemos refletir a partir desta prática simples de ser reproduzida em outros contextos que a escola pode ser um espaço para pensarmos e repensarmos nossas práticas e também nosso impacto na sociedade. O olhar sensível e atento da professora preceptora possibilitou uma ação marcante em nossa formação docente e na formação destes estudantes (tanto os do Ensino Médio quanto os da Educação Infantil).

E isso tudo com leveza e alegria. O lúdico ainda tem espaço na escola, independe da idade ou da etapa na Educação Básica. Quando realizamos alguma atividade com vontade e conseguimos até mesmo nos divertir com ela isso nos marca profundamente. Essas marcas nos constituem enquanto sujeitos e poder refletir sobre elas nos torna mais conscientes e participativos na sociedade.

A escola é uma etapa fundamental da nossa vida porque contribui para nossa formação cidadã. O protagonismo dos estudantes nesta etapa pode contribuir para a própria ideia de cidadania que possamos construir enquanto sociedade. Participação, reflexão, consciência e principalmente comprometimento na luta por um mundo melhor e menos injusto.

Palavras-chave: Contação de histórias; África; Geografia Escolar.

AGRADECIMENTOS

À Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior - CAPES que possibilitou a realização desta e de outras experiências vivenciadas através do Programa de Residência Pedagógica.

REFERÊNCIAS

HOOKS, b. **Ensinando a transgredir:** educação como prática de liberdade / bell hooks; tradução de Marcelo Brandão Cipolla. - 2.ed.- São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 2017.

NÓVOA, A. **Escola e professores proteger, transformar, valorizar/** António Nóvoa, colaboração Yara Alvim. Salvador: SEC/IAT, 2022.

OLIVEIRA, K. de. O mundo no black power de Tayó. São Paulo: Peirópolis, 2013.

KLAITY, M. **O menino mestre e o rei Zumbi a arte da capoeira.** Mestre Klaity e Cássia Luz; ilustrado por Giana Lorenzini. Porto Alegre: Nova Prova, 2007

HOOKS, b. **Meu crespo é de rainha.** São Paulo: Boitatá, 2018.

BELÉM, V. **O cabelo de Lelê**. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 2007.

EMICIDA. **Amoras**. São Paulo: Companhia das Letrinhas, 2018.

COSTA, M. **Meninas negras**. Belo Horizonte: Mazza Edições, 2006.

LOPES, G. **Tecelagem: uma história ilustrada**. Salvador. Solisluna Design Editora, 2020

